

Características de Profissionais de Creche do Município de Descalvado/SP

Characteristics of Children care center's Professionals from Descalvado/SP

Aline Sommerhalder^{a*}

^aUniversidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação.

*E- mail: alinesommer@ufscar.br sommeraline1@gmail.com

Resumo

Esse artigo decorre de uma pesquisa concluída e realizada em um projeto de formação continuada de professores e gestores de Educação Infantil no município de Descalvado/SP, realizado por meio de uma Atividade de Extensão Universitária intitulada: Formação de Professores de Educação Básica: uma parceria colaborativa entre escola e universidade. Teve como questão de pesquisa: Quem são os/as profissionais docentes das Creches municipais de Descalvado/SP? O objetivo foi identificar e descrever características de um grupo de profissionais docentes de Creches do município de Descalvado/SP, participantes de uma Atividade de Extensão de Formação Continuada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os dados foram coletados por meio de aplicação de questionário com vinte e nove profissionais de Educação Infantil, que atuam em creches municipais desta cidade. Os resultados evidenciaram, dentre outros aspectos, que o grupo em questão em sua maioria é mulher (28 profissionais) e estas possuem experiência consolidada de docência, em vários níveis de ensino, incluindo a etapa da Educação Infantil e a grande maioria possui formação superior em Pedagogia. O estudo evidenciou, ainda, que a maioria das/dos colaboradoras/res desta pesquisa participou de cursos de formação continuada nos últimos cinco anos e para muitos/as a escolha pela atuação em creches decorreu de necessidade de trabalhar e falta de oportunidade profissional.

Palavras-chave: Creche. Caracterização Docente. Profissionais de Educação Infantil. Rede Municipal de Ensino.

Abstract

This article is the result of a survey completed and held in a continuing education project for teachers and early childhood education managers in the municipality of Descalvado / SP, conducted by a University Extension Activity entitled: Basic Education Teacher's Training: a collaborative partnership between school and university. Had the research question was: Who are the professional teachers from the Children Care Center of the municipality of Descalvado / SP? The objective was to identify and describe the professional trajectory and characteristics of a group of professionals Kindergarten teachers in the municipality of Descalvado / SP, participants in a Continuing Education Extension Activity. It is a qualitative research and data were collected through a questionnaire in 29 childhood education professionals working in public Children Care Center of the city. The results showed, among other things, that the group in question is mostly women (28 professionals, being that they have consolidated teaching experience, in several teaching degrees, including Childhood education and the vast majority holds a degree in Pedagogy. The study also showed that most of collaborators of this research have participated in continuing education courses in the last five years and for many the choice for their working in a Children care center was due to the need to work and lack of career opportunity.

Keywords: Early Childhood Education. Characterization of teachers. Professional Early Childhood Education. Municipal Schools.

1 Introdução

A Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica define-se pelo trabalho compartilhado família e escola nas práticas de educar e cuidar das crianças de forma indissociável. Para a realização das práticas docentes nesta etapa educativa é fundamental considerar as especificidades da linguagem das crianças, das interações, do brincar e a organização do tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil.

Um breve olhar para o contexto histórico da Educação Infantil possibilita perceber que esta etapa vivenciou diversas fases interligadas e, às vezes, simultâneas e conjuntas, sendo: filantrópica, higienico-sanitária, assistencial e educacional.

De acordo com Marquez (2006), no Império (1822-1889), a perspectiva filantrópica (assistência/caridade) existia, a perspectiva higienista também já se fazia presente, uma vez

que não bastava a criança ser cuidada, era necessário que as crianças tivessem condições de terem qualidade de vida para sobreviver. O higienismo surgiu em razão de altos índices de mortalidade infantil, das condições precárias de saúde dos adultos e da disseminação para a sociedade de novos conhecimentos e técnicas científicas.

Na Primeira República (1889-1929), as duas perspectivas: filantrópica e higienista caminharam juntas, porém se instalou a educação pré-escolar para os filhos das camadas médias e superiores da sociedade e para os filhos de ex-escravos, operários e trabalhadores em geral, instalou-se entidades do âmbito da assistência social e da saúde pública (MARQUEZ, 2006). As creches nasceram no final do século XIX com um caráter assistencialista, pois além de terem um caráter de assistência a criança, eram vistas também como opção para mulheres trabalhadoras deixarem seus filhos, enquanto

trabalhavam. Estas creches, entretanto, ainda eram vistas como um local que apenas cuidavam de crianças abandonadas e de classes sociais menos favorecidas.

Ressalta Kuhlmann Junior (1998), que a creche não era defendida por todos, uma vez que promovia conflitos, principalmente, em relação à defesa social da atribuição de responsabilidade primordial à mãe na educação da pequena infância.

Foi possível constatar duas formas de caracterização e das funções realizadas nos diversos tipos de ações realizadas em creches e pré-escolas durante as últimas décadas do século XX, com mais ênfase até o final da década de 1980. Havia instituições que realizavam um trabalho compreendido por muitos como “educativo” (tais instituições possuíam caráter pedagógico) e outras que realizavam um trabalho denominado “assistencialista” (pois estavam relacionadas mais estritamente com as ações de cuidado das crianças) (CERISARA, 1999). No entanto, destaca esta autora que esta cisão não deve ser feita entre estas duas funções (educativo e assistencial), pois tanto creches quanto pré-escolas realizavam ações de caráter educativo. Sobretudo, as primeiras realizavam uma proposta de educação para crianças pobres e a segunda uma proposta educacional para as crianças economicamente mais favorecidas.

Cerisara (1999) aponta que as creches e pré-escolas não são as casas das crianças, nem hospitais e muito menos devem ser escolas de Ensino Fundamental. No entanto, a análise e debate das funções destas instituições permitiu constatar que esta dicotomização entre educar e cuidar das crianças deveria ser superada e progredir em direção a uma proposta menos discriminadora, em relação particularmente direcionada às crianças pobres.

No campo da Educação Infantil, cuidar está historicamente interligado à assistência e ao corpo. A partir de meados da década de 1980, os textos acadêmicos se referiam às atividades assistenciais como “guarda”, que nesse momento histórico passou a ser substituída por “cuidado” ou “cuidar”.

Segundo Kramer (2005, p.68):

Nos anos de 1990, com a perspectiva de as creches e pré-escolas serem incorporadas aos sistemas de ensino e passarem a ser consideradas a primeira etapa da educação básica, era preciso integrar as atividades de cuidado, realizadas nas creches, com as atividades de cunho mais pedagógico, desenvolvidas nas pré-escolas. A solução conceitual encontrada foi o binômio educar e cuidar. Mas, se teve o mérito de assumir o corpo como objeto da educação, não resolveu as questões colocadas pela prática: ao contrário, tem provocado muita confusão! Entre outras coisas porque, no Brasil, os trabalhos de cuidar do corpo estavam relacionados no passado, às escravas e, atualmente, estão relacionados às mulheres das classes populares.

Para esta autora, essa questão gerou muitos conflitos, uma vez que muitas professoras associam o ato de cuidar como algo doméstico, como uma desvalorização, como uma função que não necessitaria formação pedagógica, não seria responsabilidade de professores e sim de mulheres donas de

casa.

Com isso, o trabalho docente na Educação Infantil foi compreendido por um longo tempo como algo similar a uma prática doméstica, que não demanda formação profissional, pois supõe funções de maternagem das crianças. Isso sem dúvida fortaleceu uma ideia social e cultural de que não havia diferenciação no trabalho da mulher no lar e na Educação Infantil, sendo este último desprovido de intencionalidade pedagógica e caracterizando-se como uma profissão, que se constrói no feminino.

Para conseguir definir as/os profissionais, que atuam com as crianças na Educação Infantil, é importante considerá-los, em seu contexto social e cultural, incluindo também a existência de contradições sociais com as oposições de gênero, raça e idade. A definição da identidade destes/as profissionais, muitas vezes, não se constrói de forma claramente delineada, uma vez que ainda prevalece a ambiguidade das funções materna e docente (CERISARA, 2015).

Reconhece-se, na atualidade, que os/as professores/as de Educação Infantil devem trabalhar com ações de cuidado e educação, de forma indissociável, buscando concretizar uma pedagogia e parâmetros didáticos diferentes daqueles realizados nas escolas de Ensino Fundamental e até mesmo Ensino Médio.

Sem pretender uma definição acabada do perfil destas profissionais de educação infantil pode-se afirmar que elas têm sido mulheres, de diferentes classes sociais, de diferentes idades, de diferentes raças, com diferentes trajetórias pessoais e profissionais, com diferentes expectativas frente a sua vida pessoal e profissional (CERISARA, 2015, p.4).

Gomes (2003) também afirma que as profissões são construções dinâmicas, ou seja, estas se alteram ou deixam de existir por meio das transformações econômicas e pelo uso de novas tecnologias e exigências. Sobre a identidade profissional esclarece a autora que esta é uma construção dinâmica, pois se produz entre a identidade interna ou “identidade de si”, ou seja, a forma como cada um vai constituindo a imagem profissional e a imagem externa, que é a identidade para os outros.

Ongari e Molina (2003) fizeram uma pesquisa buscando conhecer as/os educadoras/res de creche e o processo de construção da identidade profissional e constataram que 65% das educadoras têm idade entre 30 a 39 anos; 75% são casadas e 63% têm filhos. Portanto, de acordo com estes estudos essas mulheres estão no momento central da fase adulta.

Também em pesquisa realizada, Micarello (2006) destaca a precariedade da formação de professores/as de Educação Infantil, considerando, também, que nos documentos oficiais relativos à Educação Infantil há pouca clareza em relação ao perfil profissional dos mesmos.

Nono (2013) em pesquisa realizada com professores/as, coordenadores/as, mães e pais de crianças entre 0 a 6 anos da comunidade, sendo estas últimas não matriculadas na Educação Infantil, destacou a complexidade do processo

de construção de identidade profissional docente em razão, sobretudo, da permanência das ideias sobre a ambiguidade do trabalho, visto ora como extensão daquele já realizado no lar, como cuidar da criança e ora como educadora, perdendo a principal função que é incentivadora da aprendizagem e desenvolvimento da criança por meio da integração das práticas de educar e cuidar.

Este estudo decorre de uma pesquisa de iniciação científica e teve como questão de pesquisa: Quem são os/as profissionais docentes das Creches do Município de Descalvado/SP? O objetivo foi identificar e descrever características de um grupo de profissionais docentes de Creches do município de Descalvado/SP, participantes de uma Atividade de Extensão de Formação Continuada. No grupo colaborador deste estudo, contamos com a participação de professores/as, auxiliares e gestores de Educação Infantil, estes últimos com atuação em um período do dia em sala de Educação Infantil e outro na gestão escolar. Por atuarem diretamente com a criança apresenta-se neste estudo este grupo como profissionais docentes (professores) de Educação Infantil.

A presente investigação justifica-se pela relevância do conhecimento dos profissionais de Educação Infantil de uma rede municipal de ensino e com esses dados, subsidiar as ações de formação e de política educacional do município, aproximando-as e desenvolvendo-as a partir da realidade de trajetória e características destes profissionais, o que contribuiu para a qualificação dos processos formativos, com vistas a melhoria da qualidade de ensino básico.

2 Material e Métodos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Segundo Ludke e André (1986), este tipo de pesquisa possui o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Estas autoras apontam ainda que esse tipo de pesquisa propõe o contato direto do pesquisador com o pesquisado e com o ambiente que está sendo estudado por meio do trabalho de campo.

Foi realizado um estudo de caso para conhecimento e descrição de características de profissionais de uma dada realidade, atuantes em escolas de Educação Infantil (creches) municipais da cidade de Descalvado, no Estado de São Paulo.

Foi utilizado questionário como instrumento de coleta de dados, contendo sete questões fechadas e uma questão aberta, tomando como foco o objetivo da pesquisa. Todos os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e concordaram com a participação, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, utilizando-se ainda nomes fictícios.

O questionário possuiu os seguintes temas de questões:

- Tempo de atuação no magistério e em outras atividades profissionais: indique em meses ou anos as alternativas que compreendem todas as experiências profissionais. Nesta questão, as alternativas (podendo ser assinaladas mais de uma)

referiam-se a: atuação docente na creche, atuação docente na pré-escola, atuação docente no Ensino Fundamental, atuação como gestor (diretor, coord. Pedagógico, etc.) na escola básica (Educação Infantil ou Ensino Fundamental), atuação em outra área profissional.

- Formação inicial – Cursos: assinale as alternativas que fazem referência a(s) sua(s) formação(ões). Nesta questão as alternativas referiam-se a: Magistério, Pedagogia, Especialização em Educação Infantil, Especialização em outra área educacional (com espaço para descrição do curso realizado), outro Curso Superior, outro Curso de Ensino Médio ou outra formação, sendo que as três últimas opções o/a participante descreveu a formação.

- Formação continuada: participou de cursos, programas, palestras e /ou outras propostas de formação continuada no campo da Educação Infantil ou na área educacional. Assinale os anos que participou e indique nas linhas abaixo quais foram estes. Nesta questão o/a participante teve como opções: em 2010; em 2009; em 2008; em 2007; em 2006; não participei nos últimos cinco anos, e espaço na questão para descrição de quais cursos ou processos formativos realizou.

- Situação familiar. Nesta questão, o/a participante poderia escolher: casado; solteiro; divorciado/separado; viúvo; união estável. Filhos: com opção para indicar: sim; não; quantos e idade.

- Principais opções de lazer: assinale as alternativas que julgar pertinentes: leitura de livros, artigos e revistas; TV e internet; teatro; cinema; parques; outros (com espaço para indicação).

- Idade: menos de 20 anos; entre 20 e 30 anos; entre 31 e 40 anos; entre 41 e 50 anos; mais de 50 anos.

- Como questão aberta: Relate os motivos que levaram a escolha pela profissão de professor (a) e a escolha pela atuação em Creche:

Cabe dizer que, no questionário, havia um cabeçalho que pedia a indicação de gênero e atual campo e função de atuação na creche pública:

Participaram deste estudo vinte e nove profissionais de educação Infantil da rede municipal de ensino de Descalvado, SP, que atuam em creches. Foram 28 professoras e um professor, com atuação na área da docência e na gestão escolar. Importante destacar que, nesse estudo, houve a participação de professoras que também exerciam naquele momento a função de gestora escolar. Em razão disso, essas profissionais serão consideradas, nesse estudo, como professoras. Houve, ainda, a participação de um monitor de creche, que será considerado como professor, por atuar diretamente em ações pedagógicas com as crianças.

Os resultados encontrados são apresentados e discutidos com base na análise de conteúdo (GOMES, 1994) e na literatura escolhida.

3 Resultados e Discussão

Na primeira pergunta do questionário, a saber: “Tempo de

atuação no magistério e em outras atividades profissionais – indique em meses ou anos as alternativas que compreendem todas as suas experiências profissionais”, 23 professores responderam que possuem experiência anterior em docência, não necessariamente exclusiva na Educação Infantil. Além disso, as experiências na Educação Infantil englobam ainda auxiliar, monitor/a ou professor/a de creche ou na pré-escola.

Desses 23 professores, 12 responderam que possuem experiência anterior de docência no Ensino Fundamental e Médio. Além disso, desses 23 que estão na Educação Infantil, há três professoras que também possuem tempo de experiência de gestão escolar e uma atuou também em outra área não mencionada.

Poucos são os profissionais sem percurso profissional anterior na Educação Infantil, ou seja, quatro dos 29 no total, sendo que dois trabalharam no Ensino Fundamental e apenas um tem experiência fora do contexto escolar, lembrando que a quarta professora atuou antes como auxiliar geral.

O grupo participante tem percurso claro de trajetória profissional anterior na docência, ou seja, a profissão é o magistério. Vale ressaltar que dos 23 profissionais, 10 possuem experiência exclusiva de docência na Educação Infantil e duas não responderam a essa pergunta.

Cabe dizer que esse total de quase 1/3 de professores (10 no total) têm a oportunidade no cotidiano de seu trabalho e também por meio do seu percurso profissional exclusivo na Educação Infantil construir a identidade profissional, reafirmá-la em seu cotidiano e apoiar os colegas de trabalho neste processo. A experiência de docência exclusiva na Educação Infantil é fundamental para a compreensão e a construção de saberes sobre a docência nesta etapa educativa, considerando as especificidades deste trabalho com bebês e crianças pequenas.

Em relação ao tempo, em anos de experiência exclusiva na Educação Infantil, se tem uma que possui apenas cinco meses de atuação nessa etapa educativa. Importante destacar que os primeiros anos na profissão, de acordo com Nono (2011), são considerados como um período de aprendizagens, sendo importante para a permanência do professor na carreira como também para o tipo de profissional que será. Garcia (1999) considera o início da docência, como aquele pelo qual os professores precisam realizar a transição de estudantes a docentes, considerando esta etapa carregada de tensões, aprendizagens e, principalmente, insegurança.

Nono (2011) recorre a outros pesquisadores para esclarecer que apesar das dificuldades encontradas, principalmente, no início da carreira, alguns professores/as, tentam permanecer de todas as formas nela e realizam um bom trabalho e isso acontece pelo fato destes/as profissionais gostarem de educar crianças, pela vontade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade e por constatarem que esta profissão admite autonomia. No entanto, destaca a autora que muitos/as professores/as desanimam da profissão no início da carreira, pois:

[...] é comum nas escolas pesquisadas à atribuição aos professores iniciantes de turmas de alunos consideradas por profissionais que atuam nas escolas como as mais difíceis, por possuírem alunos com grande variação nos níveis de aprendizagens e que, muitas vezes, não possuem materiais escolares mínimos e vêm de famílias caracterizadas pelo baixo poder aquisitivo – e/ou, ainda, a atribuição de classes situadas nas zonas rurais, onde as condições de trabalho são piores do que nas escolas de zona urbana no que diz respeito à falta de material didático, pouca possibilidade de troca de experiência e acompanhamento pedagógico, delegação de turmas multisseriadas, dificuldade para se conciliar vida profissional e vida pessoal. O professor iniciante é “presenteado” com as piores turmas, os piores horários e as piores condições de trabalho, já que os professores experientes são os primeiros a escolherem suas aulas no momento de atribuição das classes (NONO, 2011, p 45).

No entanto, apesar das dificuldades, muitos acabam permanecendo na carreira por gosto pela profissão e, principalmente, pelo enfrentamento de acontecimentos que marcaram a trajetória nas instituições em que trabalharam.

Na referência de cinco a 10 anos de soma de tempo de experiência de docência na Educação Básica se tem quatro profissionais: Claide com total de cinco anos, Leticia com total de oito anos, Fátima, com total de nove anos e Amanda com total de oito anos e oito meses.

Na referência acima de 10 anos de tempo de experiência docente somando-se a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio se encontram seis professores: Janaina, com total de 27 anos, Mariana com total de 17 anos, Elena com 14 anos; Rute com 18; Julia com 13 anos de docência. Cabe dizer que essa professora também possui três anos de experiência na gestão escolar. A professora Andressa tem um total de 39 anos de docência, sendo 15 na pré-escola e 24 no Ensino Fundamental e Médio. Essa docente também possui nove anos de experiência como gestora.

Tomando como referência a faixa de cinco a 10 anos de docência exclusiva na Educação Infantil há o registro de duas professoras, sendo elas: Roberta (nove anos de docência) e Marlete (com oito anos de docência). Na referência acima de 10 anos de docência exclusiva na Educação Infantil se podem apresentar oito professoras, sendo elas: Roseli (18 anos), Claudia (15 anos), Fernanda (16 anos), Carla (14 anos), Giovana (20 anos), Carol e Cristina (ambas com 16 anos de docência). Quanto à professora Silvia, essa tem 23 anos de docência na pré-escola e possui ainda dois anos como gestora escolar.

Pode-se perceber a partir dos dados apontados que a maioria dos profissionais podem ser considerados/as experientes, ou seja, possuem muitos anos de carreira no magistério, considerando os aspectos apontados por Huberman (1995). De acordo com o autor há várias maneiras de estruturar o ciclo de vida dos/as professores/professoras, afirmando que a carreira passa por uma série de “sequências”.

Primeiramente, este autor destaca as sequências ditas “de exploração” e de “estabilização”, que se verificam no começo de uma carreira.

A exploração consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação dos contornos da profissão, experimentando um ou mais papéis. Se esta fase for globalmente positiva, passa-se a uma fase de “estabilização”, ou de compromisso, na qual as pessoas centram a sua atenção no domínio das diversas características do trabalho, na procura de um setor de focalização ou de especialização, na aquisição de um caderno de encargos e de condições de trabalho satisfatórias e, em vários casos, na tentativa de desempenhar papéis e responsabilidades de maior importância ou prestígio, ou mais lucrativas. (HUBERMAN, 1995, p.37).

Da fase da “exploração” ou das “opções provisórias” chega-se ao estágio de “comprometimento definitivo”, “estabilização” e da “tomada de responsabilidades”. A estabilização trata-se de comprometer-se definitivamente e da nomeação oficial, significando liberdade. A partir dessa fase que surgem as fases: experimentação e diversificação (HUBERMAN, 1995, p.41).

As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, as formas de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc. Antes da estabilização, as incertezas, as inconsequências e o insucesso geral tendiam de preferência a restringir qualquer tentativa de diversificar a gestão das aulas e a instaurar uma certa rigidez pedagógica.

De acordo com o autor, o professor nesta fase de experimentação e diversificação busca novos estímulos, ideias, vontades, compromisso, ou seja, nesse momento, ele sente a necessidade de se comprometer. Porém, é nesta fase da diversificação que ocorre, também, uma ligeira sensação de rotina ou até mesmo uma crise existencial em relação à carreira.

O próximo período mencionado pelo autor é o da serenidade e distanciamento afetivo. O período da serenidade, as professoras possuem entre 45 e 55 anos de idade e nele, elas começam a se lamentar, lembrando que quando eram jovens tinham mais energia e vontade. Porém, em contrapartida evocam uma grande “seriedade”, uma vez que se tornam mais experientes e, por isso, acabam prevendo tudo o que pode acontecer em sala de aula. Nesta fase, os professores são menos sensíveis e vulneráveis, pois não aceitam a avaliação dos outros, acreditando que as pessoas devem aceitar seu jeito de ser.

Depois da serenidade há a fase do conservantismo e as lamentações, em que se destacam professores entre 50 e 60 anos, sendo que a maioria queixa da evolução dos alunos, alegando que são menos disciplinados, menos motivados; queixam-se da política educacional; dos colegas mais jovens pela inexperiência, etc. O último período destacado é o desinvestimento. Nesta fase há o desinteresse de se investir por se encontrarem no final no final da carreira, passando, assim, o “testemunho” aos jovens (HUBERMAN, 1995).

Na pergunta “Formação Inicial/Cursos – assinale as alternativas que fazem referência a sua formação”, podendo-se constatar que das vinte e nove colaboradoras, três possuem formação apenas em magistério, cinco possuem formação

exclusiva de pedagogia, seis formação em magistério e pedagogia, dois formação em pedagogia e especialização em Educação Infantil, um fez pedagogia, especialização em Educação Infantil e especialização em outra área, um possui formação em magistério, outro curso superior e outro curso de Ensino Médio, quatro fizeram pedagogia, magistério, especialização em outra área e outro curso superior, um fez outro curso superior – educação física, um fez magistério, pedagogia e especialização em educação infantil e um magistério, pedagogia e especialização em gestão escolar. Cabe dizer que do grupo de vinte e nove colaboradoras/res, quinze profissionais possuem pedagogia. Pode-se perceber a partir desta questão que apenas três profissionais do total possuem apenas o magistério e a maioria fez ou está cursando Pedagogia.

Outro resultado importante é que das dez professoras com experiência exclusiva na Educação Infantil, quatro já fizeram ou estão cursando Pedagogia. Apenas um docente dessas 10 não respondeu a essa questão e em relação à formação única de magistério se apresentam duas professoras. Além disso, duas professoras possuem curso de magistério e pedagogia e uma tem magistério e formação em licenciatura em educação física.

Dos quatro profissionais que não possuem experiência anterior na Educação Infantil, um está cursando Pedagogia, um é formado em Educação Física, um fez magistério, pedagogia e especialização em Educação Infantil e um fez magistério, pedagogia e especialização em gestão escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia, Resolução nº 01 (BRASIL, 2006) indicam que a formação do professor de Educação Infantil deve acontecer no curso de Pedagogia, mas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) regula que o Ensino Médio como formação é permitido. Pode-se constatar através dos dados obtidos, por meio destas questões, que a maioria das/dos entrevistadas/os são experientes e que uma parcela importante destas possui formação em Pedagogia.

Gatti e Barreto (2009) indicam, a partir de resultados de outras pesquisas e de dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2006 que, no Brasil, a maioria dos professores possuía formação adequada quanto ao grau de escolaridade exigido para o nível de ensino, em que atuava. Este dado é pertinente, considerando ainda que até 1996 a exigência por lei para atuar na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é a formação em nível médio (magistério). Estas autoras também apontam que, particularmente, na Educação Infantil 97,2% das profissionais possuíam em 2006, formação em nível médio ou mesmo superior.

Segundo Ongari e Molina (2003), na Itália, por exemplo, a formação das educadoras de creche ainda não se concretizou e muito menos é adequada, uma vez que os diplomas de profissionais desta área são muito heterogêneos, sendo alguns

exclusivamente de orientação e assistencialista e outros, cuja formação básica é equiparada à de professores de segundo e terceira infância. De acordo com uma pesquisa feita pelas mesmas, 49% têm um diploma com habilitação para profissões educativas ou assistencialistas para crianças maiores de três anos, enquanto 31% têm um diploma específico para o trabalho educativo com crianças de zero a três anos de idade.

Na questão: “Formação continuada: participou de cursos, programas, palestras e/ou propostas de formação continuada no campo da Educação Infantil ou na área educacional. Assinale os anos em que participou e indique nas linhas abaixo quais foram estes”, das vinte e nove entrevistadas/entrevistados, vinte e um assinalaram que participaram de cursos nos últimos cinco anos, quatro não participaram nos últimos cinco anos, três não responderam essa questão e apenas uma das entrevistadas/o, não especificou o tempo, apenas os cursos que já fez, sendo eles: Proinfo, Letra e Vida, Profa., Pró-letramento, etc. Pode-se perceber, também, através das respostas, que a maioria fez os cursos Letra e Vida e o Pró-letramento.

Os cursos de formação continuada são essenciais para o aprofundamento de conhecimentos, pois de acordo com Gomes (2003), os cursos que formam professores de Educação Infantil são muito superficiais e distantes da prática, pois muitas vezes na formação inicial as disciplinas não direcionam as discussões e os conhecimentos teóricos e metodológicos para a docência com crianças de zero a três anos.

Na pergunta “Situação familiar”, do total de 29 profissionais, 16 assinalaram que são casados, sete solteiros, três são divorciados, duas são viúvas/os e uma possui união estável. Em relação aos filhos, 19 assinalaram que possuem filhos e 10 que não possuem filhos.

Considerando apenas os profissionais que possuem experiência exclusiva de docência na Educação Infantil – creche e ou pré-escola (10 profissionais), seis profissionais responderam que são casados, dois são divorciadas, uma é solteira e outra é viúva. Sobre os filhos, oito profissionais possuem e apenas duas não possuem.

Na questão: “Principais opções de lazer, assinale as alternativas que julgar pertinentes”, do total de 29 profissionais, várias relataram mais de uma alternativa, a saber: 24 preferem leitura de livros, artigos e revistas; 26 preferem TV e internet; seis preferem cinema; três parques e quatro profissionais também responderam outras alternativas, como, por exemplo, filho, família, amigos, viagens e algumas não especificaram. Pode-se constatar, portanto, que a maioria das profissionais prefere ler livros, revistas, assistir TV e navegar na internet, como é o caso de Leticia e Fabiana, registrando-se que a única alternativa não assinalada foi o teatro.

Pode-se constatar que a maioria das/dos entrevistadas/dos preferem TV e internet (26), sendo que 24 preferem leitura de livros, artigos e revistas, o que é muito bom, pois são caminhos de acesso às culturas, a conhecimentos gerais e no caso de livros e artigos podem ser da área educacional

e, especificamente, do campo da docência na Educação Infantil. Neste estudo, seis professores preferiram cinema, três escolheram parques e nenhuma preferiu teatro, o que mostra a falta de interesse ou falta de acesso a esse tipo de instrumento cultural.

Na pergunta sobre “Idade” dos 29 profissionais que participaram do estudo, nenhum assinalou que tem menos que 20 anos, seis assinalaram que tem entre 20 e 30 anos, onze entre 31 e 40 anos, oito entre 41 e 50 anos e apenas quatro das entrevistadas/os têm mais de 50 anos, o que mostra que o grupo é constituído de profissionais em idade adulta, não tão jovens.

Dos profissionais com experiência exclusiva na Educação Infantil (10 profissionais), três possuem mais de 50 anos, seis possuem de 31 anos a 40 e um na faixa de 41 a 50 anos.

Dos profissionais com experiência na docência na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (13 profissionais), quatro possuem entre 41 e 50 anos, cinco possuem entre 31 e 40 anos e quatro entre 20 e 30 anos.

Na pergunta: “Relate os motivos que levaram a escolha pela profissão de professor/a e a escolha pela atuação em creche”, as respostas descritas mostraram que: das 29 professoras, 10 responderam que escolheram por necessidade de trabalhar, falta de oportunidade ou por única opção.

Inicialmente fiz o magistério por falta de opção, fui trabalhar como professora muitos anos após; gostei muito, fiz o curso de pedagogia, continuei trabalhando, passei para a coordenação. Fui fazer pós em gestão escolar e atualmente trabalho como gestora em uma creche há 3 anos na atual administração (Marina)

As coisas foram acontecendo, precisando trabalhar, fui parar em uma creche, em 1997, onde estou até hoje como educadora (Carla)

Quando iniciei meu trabalho na creche (16 anos atrás) eu era muito nova e foi por uma oportunidade de emprego. Logo, em seguida, gostei muito do trabalho e da profissão. Continuei sendo monitora de creche e hoje em dia, curso Pedagogia para no futuro poder ser ‘professora’ pois gosto muito de trabalhar com as crianças, querendo me aperfeiçoar para continuar em creche como professora (Cristina).

De acordo com Gomes (2009), nos dias atuais, é quase impossível afirmar que existe a possibilidade de haver “escolha” profissional para a maioria da população brasileira, principalmente, para os mais pobres, ou seja, a maior parte opta por uma profissão de nível médio, pois a mesma possibilita a entrada no mercado de trabalho, além de complementar a renda familiar e concluir a escolarização básica. Como é o caso de uma das colaboradoras da pesquisa feita por Gomes (2009, p.130):

Fui fazer contabilidade, pois era o que estava mais próximo das minhas possibilidades. Quando estava terminando o curso, percebi que não tinha nada a ver comigo. Na mesma escola tinha o curso de extensão de Magistério, era só fazer algumas adaptações de matérias, então eu fiz e gostei do Magistério. E me encontrei mais ainda quando estava fazendo o estágio na pré-escola. Aí eu já me defini mesmo. Nessa época eu trabalhava em uma empresa da região, na área da produção, das seis horas da manhã às quatorze horas e estava

noiva já para casar. Depois fiz Pedagogia e já ingressei na Prefeitura Municipal como professora. Naquela época não tinha concurso público, me lembro de ter feito uma prova e depois ter sido indicada para trabalhar.

Doze profissionais responderam que escolheram porque gostam de crianças, de atuar na Educação Infantil ou por gostar de docência:

Desde pequena sempre quis ser professora e a escolha por creche é que durante 10 anos fui professora da educação infantil e fui concebida pela secretaria da educação ser diretora. Adoro a educação, adoro crianças pequenas. Meu sonho seria fazer mestrado ou doutorado nesta área. Quando ouço vocês falarem que trabalham na universidade, fico imaginando o quanto deve ser gratificante e maravilhoso o trabalho na área de pesquisa na educação infantil (Andressa). Inicialmente optei pelo magistério por influência dos meus pais e encarava a profissão como temporária. Porém, após o contato com a sala de aula, me apaixonei pela docência e decidi continuar os estudos na área da educação, cursando Letras na UFSCar. Ingressei na creche em 2009 como diretora com convite da Secretaria Municipal de Educação (Julia). A escolha por monitora de creche, primeiramente por gostar muito de criança e pela vontade de ajudar a melhorar a educação em nosso país, posteriormente com a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos nesta área (Marisa). Sou professora porque ensinar e acho muito gratificante e enriquecedor o trabalho com as crianças (Cleide).

Três participantes responderam que os motivos foram as professoras de infância (duas participantes, porque a sua professora foi um exemplo, e outro, porque foi péssima):

O motivo pelo qual escolhi essa profissão foi por uma grande gratidão e amor a uma professora que tive na infância. Ela é fantástica e muito dedicada e devido sua atenção, carinho e amor a profissão fez com que eu me apaixonasse pela profissão (Bruna)

Por causa da minha prima, pois ela é professora, e eu sempre admirei. (Giovana)
Bom, escolhi ser professor de educação física, pois tive péssimos professores desta área, e era uma área que tinha muita afinidade. Quando comecei o curso, abriu concurso para monitor de creche e resolvi prestar, pois gostava de crianças, fui chamado recentemente e apesar de sofrer um pouco no começo acabei gostando do que faço. (Pedro)

Duas docentes responderam que escolheram por outras situações:

Este é o primeiro ano e estou por remoção (Roseli)
Porque preferi um ensino segundo grau profissionalizante, ingressei logo quando conclui e passei a ter afinidade com a área e a dar continuidade aos estudos na mesma área. Fui para a creche, pois precisava do período da manhã (Janaina).

Cabe dizer que apenas um/a profissional não respondeu essa pergunta.

Pode-se perceber, também, através da pesquisa de Gomes (2009) e do questionário aplicado aos profissionais docentes das creches de Descalvado que, além da necessidade de trabalhar, elas/ele escolheram a profissão por influência, por gostar de crianças, por afinidade, pelo desejo pela docência, etc. Neste caminho do trabalho cotidiano com as crianças e seus pares, vários profissionais foram apreendendo o gosto

pela profissão. Nono (2011) esclarece que as professoras apresentam fragilidades na formação inicial, que precisam ser superadas no decorrer do trabalho com as crianças e estas fragilidades são intensas em pautas como o domínio de conteúdos específicos de diferentes naturezas, falta de domínio com a tecnologia, etc. Essas dificuldades são superadas à medida que se inserem na prática profissional e se atualizam nos cursos de formação continuada.

4 Conclusão

A maioria das/dos profissionais, que atua nas creches municipais de Descalvado/SP, é mulher e possui experiência docente anterior na Educação Infantil. No caso do grupo em questão, a maioria destes profissionais possui formação em Pedagogia. Isso é um aspecto importante considerando a realidade de outros municípios, em que a formação é em nível médio ou mesmo uma ausência de conclusão de cursos de formação, por parte das/os professoras/res que atuam com crianças de zero a três anos, em creches públicas.

No entanto, mesmo com formação em nível superior, em curso de Pedagogia, sabe-se que há uma ausência de formação específica para a docência em Educação Infantil demonstrada pelas análises realizadas nos currículos dos cursos de Pedagogia.

Percebe-se, ainda, que das/os vinte e nove colaboradoras/res, dez responderam que escolheram a profissão por necessidade de trabalhar, falta de oportunidade ou por única opção, no entanto, outro resultado importante foi a permanência nesta etapa educativa, como marca da trajetória e da identidade profissional destas/es docentes. Para além das dificuldades encontradas no cotidiano de trabalho, das incertezas, dos dilemas e dos desafios da docência com crianças de zero a três anos, pode-se dizer que há vontade política, por parte deste grupo de profissionais, em permanecer nestes espaços educativos e engajar-se em processos formativos, que possam contribuir para a qualificação do trabalho docente desenvolvido com as crianças de zero a três anos de idade.

Referências

- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia*. Resolução n. 01, maio. Brasília, República Federativa, 2006.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394*. Brasília: MEC, 1996.
- CERISARA, A.B. *Em busca da identidade das profissionais de educação infantil*. 2015 Disponível em: www.educacao.salvador.ba.gov.br. Acesso em: maio de 2015.
- CERISARA, A.B. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? *Perspectiva*. Florianópolis, v.17, n. Especial, p.11-21, jul./dez.1999.
- GARCIA, C. M. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Portugal, 1999.
- GATTI, B.A.; BARRETTO, E.S.S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: Unesco, 2009.

- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOMES, M. O. *As identidades de educadoras de crianças pequenas: um caminho do “eu” a nós*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- GOMES, M. O. *Formação de professores na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Portugal, 1995, p.31-61.
- KRAMER, S. *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- KUHLMANN JUNIOR, M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LUDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUEZ, C.G. *O Banco Mundial e a educação infantil no Brasil*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiania.
- MICARELLO, H.A.L.S. *Professores da pré-escola: trabalho, saberes e processos de construção*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- NONO, M.A. Identidade do professor de educação infantil. In: NONO, M.A. *Fundamentos e princípios da educação infantil*. 2013. Disponível em: www.acervodigital.unesp.com.br. Acesso em: 4 abr. 2015.
- NONO, M. A. *Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- ONGARI, B. MOLINA, P. *A educadora de creche: construindo suas identidades*. São Paulo: Cortez. 2003.